



poema sem título
que versa sobre o fio
que urdiu a história
em uma escola chamada bauhaus

Aziz José de Oliveira Pedrosa

poema sem título
que versa sobre o fio
que urdiu a história
em uma escola chamada bauhaus

Aziz José de Oliveira Pedrosa¹

1919.

Desenharam manifesto, ordenado por caracteres, não normalizados,
provindos de pensamentos frescos, borbulhantes.

A anciã Europa, suspirando juventude, debuxou feitiços geométricos,
de contorno industrial,

de arquitetura,

de indústria bocejante, exausta, à espera de modernas notícias,

de itens frescos,

de vidro,

de aço,

de concreto.

Em Weimar, alvorecia a Bauhaus.

Era um mundo jovem,

em semblante enrugado,

escorado em bengala rota,

escrevendo modernidade,

fincando ideia de esperança e bradando que em Weimar, a moderna escola,

da gente moderna, 50% seriam elas, 50% seriam eles.

Era a novidade moderna,

de luz,

de vidro,

de estrutura de concreto,

de aço.

Defeito ocorreu, a matemática empenou e surpreendeu: elas 84 - eles 79.

Igualdade! Onde estava?

¹ Professor História Crítica da Arte e do Design Instituição. Universidade do Estado de Minas Gerais.
E-mail: azizpedrosa@yahoo.com.br

Igualdade?

Soletravam I-G-U-A-L-D-A-D-E. Pacientemente como quem esperava, distante, alvorecer, de longe, o conceito inconcreto.

Distante.

Intangível.

Um sonho, naquele jovem mundo que não sabia desenhar esses caracteres e continuava D-E-S-I-G-U-A-L.

Impacientemente desigual.

O ambiente, caduco, permanecia míope. Embora de ferro,
de vidro,
de concreto.

E nesse mundo ferrugento faltavam lentes para avistá-las:
de cabelos curtos,
calças compridas,
olhar livre.

Eram livres.

Livres!

A ferrugem moderna não inabilitou as mulheres de calças.

Não somente calças e cabelos curtos e olhar livre por eles não valorados:
eram as mulheres na Bauhaus.

1920.

Weimar, Bauhaus.

Gunta Stölzl na tecelagem.

Eles, longe delas.

Elas, coordenadas por Ela.

Na nova escola, ofício de mulher, fiar fios,

tramar tramas de cores,

urdir entrelaças de ideias em linhas traçadas por riscos de algodão.

Porque as linhas esboçadas nos veios da madeira,

na rigidez do metal,

na sinceridade transparente do vidro,

eram deles.

Somente para eles.

Deles?

Propriedade deles nunca foi!

Foi ela, Gunta Stölzl, quem tramou tramas de círculos,

de linhas,

de cores,

de formas,

de desenhos,

de desenhos em seda,

de riscos em algodão,

de franjas vermelhas,

de abstração.

Não, não tinha figuração, era a evidente distração da forma.

Forma de cor, em estrutura de tecido, arquitetando a agudeza do desenho no ateliê de tecelagem.

T-E-C-E-L-A-G-E-M: recinto de mulher na Bauhaus,

de mulher impedida de pintar,

de Anni Albers adindo celofane e algodão,

interceptando som e luz em cortina que não vedou o alarido do tear

naquele ateliê, onde o fio enjeitado por eles vozeava

e vozeava

e vozeava as mulheres naquela Bauhaus.

Ela mesma, Anni Albers, pintou em tela de algodão,

de fios,

de tramas,

de tramas coloridas,

de pintura,

de pintura colorida,

de pintura geométrica, moderna, em tecido de pintura que não pôde pintar.

A tecelagem, sem trancas, de mulheres livres.

De cor.

De cores livres.

De formas.

De formas livres.

De algodão entrelaçado por mulheres que em um dia, despreocupadas, apreciavam da cortina de vidro da cantina, vidro em moldura de aço, o mundo moderno do qual Edmund Colein extraiu as expressões libertas na pausa da modernidade de Dessau. Moderna Dessau.

Desigualdade.

Presunçosamente torto ainda estava o pensamento. Retas, somente as linhas da caixa de concreto, de vidro e de aço esboçadas por Gropius. Elas, na tecelagem. Eles, nos metais, na madeira, na liderança.

No instante da subida da escada, do prédio de vidro, de concreto e de aço elas subiam.

Subir?

Subiram!

Distinto talento de gente que construiu a história da Casa de Construção: Hausbau | Bauhaus.

E quem não viu Lou Scheper-Berkenkamp subir os andaimes para tocar as paredes brancas, modernas, racionais, transformando-as em cores?

Como subia tão alto aquela mulher que não tecia o algodão?

Ela subia para tecer formas e pinturas e com tintas urdia teia de cores, de múltiplas cores, de diferentes cores e muitas formas.

Para elas: fios do algodão e faíscas do metal que Marianne Brandt urdiu e fiou o seu brilho, arqueando a rigidez da rejeição no ateliê de metais, na brisa, amarelada, moderna.

Moderna?

Contemporânea?

Senhores e Senhoras dominados pelo moderno pensamento contemporâneo, podem dizer se as peças daquele jogo de chá são velhas senhoras?

Nas vitrines, modernas, do século XXI, peças de Brandt são novidade contemporânea almejada pela gente ainda moderna e esclerosada e padecente de velhos modelos que não viu, mas soube, que há 100 anos uma mulher chamada Brandt, esboçou a forma, de geometria limpa, de função, que borbulha a água quente do mundo, da máquina e da técnica e cada vez mais da técnica.

Tantas mulheres teceram a história da escola que marcou o design, a arquitetura, o ensino de design, o ensino de arquitetura. E que fechou. E abriu. E mudou. E foi em Weimar. E foi em Dessau. E foi em Berlim. E hoje é uma memória. Uma história do passado chamejante no presente. E que escreve. E replica. É design. É arquitetura. É tudo que da memória não sairá. O que seria da Bauhaus sem Stölzl, sem Albers, sem Lou Scheper-Berkenkamp, sem Brandt e todas as mulheres que fizeram sua história?

O que seria da história, da memória, da Bauhaus sem as fotografias de Lucia Moholy? A mulher que registrou a arquitetura,
o design
a gente,
a sombra,
a luz,
o vidro,
o concreto,
o cartaz,
o teatro,
a prática
e tudo que seus olhos modernos puderam avistar e transformar em memória, refletindo a luz das mulheres na Bauhaus?

Elas, fazendo modernidade.
Eram elas, o mais soberbo projeto da Bauhaus.
São para elas a reverência desse mundo que
brada,
e suspira,
e repete,
e aprende,
e perpetua,
aquele mundo da Bauhaus que delas foi.